

Derrubar estátuas não apaga a história, nos faz vê-la mais claramente

Via [Jacobin América Latina](#)

O antirracismo é uma batalha pela memória. Esta é uma das características mais marcantes da onda de protestos que irrompeu ao redor do mundo após o assassinato de George Floyd em Minneapolis. Por toda parte, movimentos anti-racistas desafiaram o passado atacando monumentos que simbolizam o legado da escravidão e do colonialismo: o general Confederado Robert E. Lee na Virgínia; Theodore Roosevelt em Nova York; Cristóvão Colombo em muitas cidades americanas; o rei belga Leopoldo II em Bruxelas; o comerciante de escravos Edward Colston em Bristol; Jean-Baptiste Colbert, Ministro das Finanças de Luís XIV e autor do famoso “Código Noir” na França; o pai do jornalismo italiano moderno e ex-propagandista do colonialismo fascista, Indro Montanelli, e assim por diante.

Quer sejam demolidas, destruídas, pintadas por cima ou rabiscadas, estas estátuas incorporam uma nova dimensão de luta: a conexão entre direitos e memória. Eles destacam o contraste entre o status de sujeitos negros e pós-coloniais como minorias estigmatizadas e brutalizadas, e o lugar simbólico dado no espaço público a seus opressores, um espaço que também molda o ambiente urbano de nossa vida cotidiana.

Explosões iconoclásticas

É bem conhecido que as revoluções possuem uma “fúria iconoclasta”. Seja espontâneo, como a destruição de igrejas, cruzes e relíquias católicas durante os primeiros meses da Guerra Civil espanhola, ou mais cuidadosamente planejado, como a demolição da coluna Vendôme durante a Comuna de Paris, esta

explosão de iconoclastia molda cada derrubada da ordem estabelecida.

O diretor de cinema Sergei Eisenstein começa Outubro, sua obra-prima sobre a Revolução Russa, com imagens de multidões derrubando uma estátua do czar Alexandre III, e em 1956 insurgentes em Budapeste destruíram a estátua de Stalin. Em 2003, como uma confirmação involuntária e irônica desta regra histórica, as tropas americanas organizaram a derrubada de uma estátua de Saddam Hussein em Bagdá, com a cumplicidade de muitas estações de televisão embutidas, numa tentativa de disfarçar sua ocupação como uma revolta popular.

Ao contrário desse caso, onde o iconoclastia dos movimentos de protesto é genuíno, ele sempre suscita reações indignadas. Os comunistas foram apresentados como “vândalos” e Gustave Courbet, um dos responsáveis por derrubar a coluna, foi preso. Quanto aos anarquistas espanhóis, eles foram condenados como bárbaros ferozes. Um ultraje semelhante desabrochou nas últimas semanas.

Boris Johnson ficou indignado que a palavra “racista” tenha sido escrita em uma estátua de Churchill, fato sobre o qual existe um consenso acadêmico, ligado a debates contínuos sobre sua representação dos africanos e sua responsabilidade pela fome em Bengala em 1943.

Emmanuel Macron se queixa indignadamente de uma iconoclastia semelhante em uma mensagem para a nação francesa que, de forma reveladora, nunca mencionou as vítimas do racismo: “Esta noite, eu lhes digo muito claramente, meus caros concidadãos, que a República não apagará nenhum fato ou ninguém de sua história. Ela não esquecerá nenhuma de suas conquistas. Ela não derrubará nenhuma estátua.

Na Itália, o lançamento de tinta vermelha sobre uma estátua de Indro Montanelli em um jardim público em Milão foi unanimemente denunciado como um ato “fascista” e “bárbaro” por

todos os jornais e meios de comunicação, com exceção do Il Manifesto. Ferido nos anos 70 por terroristas de esquerda, Montanelli foi canonizado como um heróico defensor da democracia e da liberdade.

Depois da “ofensa covarde” infligida em sua estátua por lançadores de tinta, um editorialista do Corriere della Sera insistiu que este herói deveria ser lembrado como uma figura “sagrada”. No entanto, este ato “bárbaro” provou ser frutífero ao revelar a muitos italianos quais haviam sido as realizações “sagradas” de Montanelli: nos anos 30, como jovem jornalista, celebrou o Império Fascista e suas hierarquias raciais; enviado à Etiópia como correspondente de guerra, comprou imediatamente uma menina eritreia de quatorze anos para satisfazer suas necessidades sexuais e domésticas. Para muitos comentaristas, estes eram os “costumes da época” e, portanto, quaisquer acusações de apoio ao colonialismo, racismo e sexismo são injustas e injustificadas. No entanto, mesmo nos anos 60, Montanelli condenou a miscigenação como fonte de decadência civilizacional, com argumentos tirados diretamente do ensaio de Arthur Gobineau 1853-1855 sobre a Desigualdade das Raças Humanas.

Estes foram, de fato, os mesmos argumentos vigorosamente defendidos pela KKK em sua oposição ao movimento de Direitos Civis nos Estados Unidos durante o mesmo período. Contra todas as evidências, o pai espiritual de duas gerações de jornalistas italianos negou indignadamente que o exército fascista tivesse realizado bombardeios a gás durante a Guerra da Etiópia. Os “bárbaros” de Milão quiseram nos lembrar destes fatos simples.

De fato, é interessante notar que a maioria dos líderes políticos, intelectuais e jornalistas indignados com a atual onda de “hooliganismo” nunca expressaram ultraje semelhante aos repetidos episódios de violência policial, racismo, injustiça e desigualdade sistêmica contra os quais os protestos acontecem. Eles têm se sentido bastante confortáveis

em tal situação.

Muitos deles até elogiaram um dilúvio iconoclasta diferente trinta anos atrás, quando estátuas de Marx, Engels e Lênin foram derrubadas na Europa Central. Embora a perspectiva imaginada de ter que viver com tais monumentos seja intolerável e sufocante, eles estão muito orgulhosos das estátuas de generais confederados, comerciantes de escravos, reis genocidas, arquitetos legais da supremacia branca e propagandistas do colonialismo fascista que constituem o legado patrimonial das sociedades ocidentais. Como eles insistem, “não vamos apagar nenhum fato ou figura de nossa história”.

Na França, a demolição de vestígios monumentais do colonialismo e da escravidão é geralmente explicada como uma forma de “comunitarismo”, palavra que atualmente tem um significado pejorativo, significando implicitamente que tais vestígios incomodam exclusivamente os descendentes de escravos e os colonizados, e não a maioria branca que estabelece as normas estéticas, históricas e comemorativas que emolduram o espaço público. De fato, com demasiada frequência o suposto “universalismo” da França é desagradavelmente o “comunitarismo branco”.

Como seus antepassados, a “fúria iconoclasta” que agora varre as cidades do mundo inteiro exige novos padrões de tolerância e coexistência civil. Longe de apagar o passado, a iconoclastia antirracista traz consigo uma nova consciência histórica que inevitavelmente afeta a paisagem urbana. As estátuas disputadas celebram o passado e seus atores, um simples fato que legitima sua remoção. As cidades são corpos vivos que mudam de acordo com as necessidades, valores e desejos de seus habitantes, e estas transformações são sempre o resultado de conflitos políticos e culturais.

A demolição de monumentos em comemoração aos governantes do passado dá uma dimensão histórica às lutas contra o racismo e

a opressão no presente. Provavelmente significa ainda mais do que isso. É outra forma de se opor à gentrificação de nossas cidades que envolve a metamorfose de seus distritos históricos em locais reificados e fetichizados.

Uma vez que uma cidade é classificada como “patrimônio mundial” pela UNESCO, ela está condenada a morrer. Os “bárbaros” que derrubam estátuas implicitamente protestam contra as atuais políticas neoliberais que simultaneamente expulsam as classes mais baixas dos centros urbanos e as transformam em vestígios congelados. Os símbolos da antiga escravidão e do colonialismo são combinados com a face gritante do capitalismo imobiliário, e estes são os alvos dos manifestantes.

0 ponto de vista dos derrotados

De acordo com um argumento mais sofisticado e perverso, a iconoclastia anti-racista expressa um desejo inconsciente de negar o passado. Por mais opressivo e desagradável que tenha sido o passado, de acordo com este argumento, ele não pode ser alterado. Isto é, sem dúvida, verdade. Mas chegar a um acordo com o passado, particularmente um passado feito de racismo, escravidão, colonialismo e genocídio, não significa celebrá-lo, como faz a maioria das estátuas derrubadas.

Na Alemanha, o passado nazista está presente de forma esmagadora nas praças e ruas através de memoriais que lembram suas vítimas e não seus perseguidores. Em Berlim, o Memorial do Holocausto é um aviso para as gerações futuras (Das Mahnmal). Os crimes da SS não são lembrados por uma estátua celebrando Heinrich Himmler, mas por uma exposição interna e externa chamada “Topografia do Terror” no local de um antigo escritório da SS.

Não precisamos de estátuas de Hitler, Mussolini e Franco para nos lembrarmos de seus erros. Justamente porque os espanhóis não esqueceram o franquismo, o governo de Pedro Sánchez

decidiu retirar os restos mortais de Caudillo de sua tumba monumental. Somente desacreditando o Vale do Caído é que este monumento fascista pode ser remetido ao reino da memória em uma sociedade consciente e democrática.

Portanto, é profundamente enganador comparar o objetivo da nossa atual iconoclastia antirracista com os objetivos da antiga *Damnatio Memoriae* (condenação ao esquecimento). Na Roma antiga, esta prática tinha como objetivo eliminar as comemorações públicas de imperadores ou outras personalidades cuja presença chocava com os novos governantes. Eles deveriam ser esquecidos.

A remoção de Leon Trotsky das imagens oficiais soviéticas sob o estalinismo foi outra forma de *damnatio memoriae*, e foi a inspiração para a de George Orwell de 1984. No estado fictício da Oceania, escreveu o escritor britânico, o passado foi completamente reescrito: “Estátuas, inscrições, pedras memoriais, nomes de ruas, tudo o que podia lançar luz sobre o passado tinha sido sistematicamente alterado”.

Estes exemplos são comparações enganosas, pois se referem ao apagamento do passado pelos poderosos. No entanto, a iconoclastia antirracista procura provocar a libertação do passado de seu controle, para “lixar o passado”, repensando-o do ponto de vista dos governados e derrotados, não através dos olhos dos vencedores.

Sabemos que nosso patrimônio arquitetônico e artístico está carregado com o legado da opressão. Como diz um famoso aforismo de Walter Benjamin: “Não há nenhum documento de civilização que não seja ao mesmo tempo um documento de barbárie”. Aqueles que derrubam estátuas não são niilistas cegos: eles não desejam destruir o Coliseu ou as pirâmides.

Ao contrário, eles preferem não esquecer que, como Bertolt Brecht assinalou, estes monumentos notáveis foram construídos por escravos. Edward Colston e Leopold II não serão

esquecidos: suas estátuas devem ser preservadas em museus e de maneiras que não apenas expliquem quem foram e suas extraordinárias realizações, mas também por que e como suas pessoas se tornaram exemplos de virtude e filantropia, objetos de veneração – em suma, as encarnações de sua civilização.

Onda global

Esta onda de iconoclastia antirracista é global e não admite exceções. Italianos (inclusive italo-americanos) e espanhóis têm orgulho de Colombo, mas as estátuas do homem que “descobriu” as Américas não têm o mesmo significado simbólico para os povos indígenas.

Sua iconoclastia reivindica legitimamente o reconhecimento público e a inscrição de sua própria memória e perspectiva: uma “descoberta” que inaugurou quatro séculos de genocídio. Em Fort-de-France, a capital da Martinica, duas estátuas de Victor Schœlcher, tradicionalmente celebradas pela República Francesa como símbolo da abolição da escravatura em 1848, foram derrubadas em 22 de maio. Como disse o diário de direita Le Figaro, “Os novos censores acreditam que possuem a verdade e são os guardiões da virtude”.

Na verdade, os “novos censores” (ou seja, os jovens ativistas antirracistas) querem virar a página sobre a tradição paternalista e sutilmente racista do “universalismo” francês. Ele sempre descreveu a abolição da escravidão como um presente para os escravos da República iluminada, uma tradição bem resumida por Macron no discurso citado acima.

Os “novos censores” compartilham a avaliação de Frantz Fanon, que analisou este clichê em seu livro *Pele Negra, Máscaras Brancas* de 1952: “O homem negro se contentou em agradecer ao homem branco [por sua emancipação], e a prova mais marcante do fato é o impressionante número de estátuas erguidas em toda a França e as colônias representando a França branca acariciando os cabelos encaracolados daquele simpático homem negro cujas

correntes ele acabou de quebrar”.

Chegar a um acordo com o passado não é uma tarefa abstrata ou um exercício puramente intelectual. Ao contrário, requer um esforço coletivo e não pode ser dissociado da ação política. Este é o significado da iconoclastia dos últimos dias. De fato, embora tenha irrompido no âmbito de uma mobilização global antirracista, o terreno já havia sido preparado por anos de engajamento contra-memorial e pesquisa histórica realizada por uma multidão de associações e ativistas.

Como toda ação coletiva, a iconoclastia merece atenção e críticas construtivas. Estigmatizá-la desdenhosamente é simplesmente desculpar uma história de opressão.